
*Subjetividades e construção de sentidos na experiência de uso educativo do Museu de Artes e Ofícios**

Subjectivities and construction of meanings in the experience of educational use of the Museum of Arts and Crafts

*Jezulino Lúcio Mendes Braga**

Resumo: Nesse texto apresento as relações subjetivas de professores com a exposição do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. Essa análise se dá com dados coletados em entrevistas estruturadas, com a aplicação de questionários e entrevistas narrativas feitas em contato com a exposição do MAO. A entrevista narrativa caminhando pela exposição do MAO foi uma opção metodológica que permitiu ao docente uma situação de experiência formativa, em diálogo com o pesquisador. A entrevista em percurso foi realizada no Museu de Artes e Ofícios, era individual com os professores, em dia previamente agendado. Para este artigo, selecionei a experiência da professora Clarice. O museu é um processo, fenômeno em constante transformação nas relações que estabelece com a sociedade. Esse museu é formativo e os saberes adquiridos na relação com a exposição são mobilizados

Abstract: In this text I discuss the subjective relations between teachers and the Arts and Crafts Museum's exposition, in Belo Horizonte. This analysis is done with data collected in structured interviews with the application of questionnaires and narrative interviews made in contact with the MAO exhibition. The narrative interview walking through the MAO exhibition was a methodological option that allowed the teacher a situation of formative experience in dialogue with the researcher. The interview in progress was held in the Museum of Arts and Crafts, individually with each teacher, on a previously scheduled day. For this article, I selected Clarice's experience. As opposed to a product, the museum is presented as a process, a phenomenon in constant transformation amongst the relations it establishes on society. This museum is formative and the knowledge acquired at

* Texto originalmente apresentado no 3º Seminário Brasileiro de Museologia (3 SEBRAMUS-UFPA).

** Doutor em educação, professor no curso de Museologia da Escola de Ciência da Informação (ECI)/UFMG. *E-mail*- jezulinolmb@eci.ufmg.br

nas escolas, ampliando o currículo, gerando um conhecimento histórico original, que está longe de ser uma simplificação da história de corte acadêmico.

Palavras-chave: Museus. Educação. Professores. Formação.

the exposition is mobilized in schools broadening the curriculum, which creates an original historical knowledge that is far from being a simplification of the academy cut on history.

Keywords: Museums. Education. Professors. Formation.

Introdução

Esse texto é parte de minha tese de doutorado, que tem como tema principal as experiências sensíveis dos professores de História, no Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, MG. Na tese, analisamos experiências de uso pedagógico do museu e as relações subjetivas que os docentes estabelecem com a exposição.

O Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2005 e aberto ao público no dia 10 de janeiro de 2006. O projeto estava sendo gestado desde 2000 pelo Instituto Flávio Gutierrez (IFG), em parceria com a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU). A empresária mineira e presidente do IFG, Ângela Gutierrez, colecionou durante algum tempo objetos representativos da fase manufatureira da indústria mineira, além de utensílios de cozinha, móveis e outros objetos que foram recolhidos no interior de Minas Gerais. Tais objetos são classificados como acervo representativo do trabalho *pré-industrial* do Brasil, dentro da proposta de apresentar os ofícios como arte. O museu foi instalado nos prédios da Estação Central e Oeste de Minas, localizados na conhecida Praça da Estação, cujo nome oficial é Praça Rui Barbosa. O local tem fácil acesso, e é atendido por várias linhas de ônibus e pelo metrô de Belo Horizonte. (<https://www.mao.org.br/>).

Os professores vivem experiências em situação de trabalho, no usufruto cultural, nos ambientes familiares, partidos políticos, sindicatos, nas associações de bairro e instituições religiosas. Estas experiências adquiridas são interferentes nos saberes que mobilizam para ensinar. Segundo Tardif (2011), o saber dos professores é individual ao mesmo tempo que é social, uma vez que resulta de experiências individuais e das confrontações que ocorrem na sociedade. A condição docente é da ordem do humano e, como tal, nas relações que estabelece com o outro ocorrem tensões, conflitos e

também partilhas, trocas, interações diversas expressas em seu modo de conceber a educação e de dar sentido à sua profissão.

A formação docente se desenvolve em contextos sócio-histórico temporais, seja porque esta formação se realiza nas relações entre sujeitos com distintos posicionamentos nos ciclos da vida, ou pelo fato de que o desenvolvimento cognitivo e emocional tem seus ritmos e temporalidades peculiares. Os professores são sujeitos historicamente construídos e usam suas experiências em seu desenvolvimento profissional à avaliação de suas práticas e à mobilização de saberes para ensinar.

Os museus são espaços formativos e neles os professores vivem experiências interferentes em seu processo de ensinar. Usamos a categoria experiência sensível para analisar como se dá essa formação docente nos museus. Chamamos de experiência sensível as ações humanas acontecidas no museu, que passam pela rememoração, imaginação, reafirmação identitária, pelo encantamento, sofrimento, reposicionamento de concepções prévias, entre tantas outras reações provocadas pelos sentidos colocados em ação, no uso pedagógico dos museus. A experiência sensível é corpórea, pois é com o corpo que garantimos nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com o acervo do museu. Por se tratar de uma instituição que propõe uma visualização da história, por meio de objetos tridimensionais, a experiência sensível depende do contato visual com as exposições dos museus. Pelo contato visual, o sujeitos elaboram percepções baseadas em suas experiências e constroem uma narrativa empática.

Os museus instituem uma relação de alteridade e, potencialmente, podem promover diálogos, confrontos, deslocamentos e afirmações identitárias. Portanto, são ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo. Partimos da consideração de que o museu permite uma experiência sensível, por meio da visualização da história narrada com objetos tridimensionais, imagens e textos. Os professores relacionam-se de forma empática com essa narrativa, mobilizando estratégias no processo de ensino e aprendizagem da História. No uso pedagógico dos museus, os professores ressignificam sua prática e constroem novas concepções para a História, com base em suas experiências vividas.

De que museu falamos

Os museus são reconhecidamente instituições de memória que se justificam pela preservação de coleções e exposição ao público. Sua origem mítica esteve ligada ao Templo das Musas (*Mouseion*), local destinado à adoração das nove musas filhas de Mnemosine e Zeus. Aproximando-nos desse conceito, temos o museu como uma instituição de salvaguarda que sacraliza os objetos a despeito das ressonâncias que provocam em quem visita suas exposições. Afastando-nos dessa idéia, buscamos um museu que presentifica as musas, um local físico em Delfos, em que as musas falavam através das pitonisas e, portanto, presentifica as lembranças encarnando as experiências dos sujeitos que visitam museus. (SCHEINER: 2008).

Nesse texto, partimos das considerações de Tereza Scheiner (2008), que defende um museu em processo; um museu dionísíaco e apolíneo, pois a despeito de sua lógica racional permite nossa abertura para as coisas do mundo, por meio do fenômeno da memória e lembrança. (SCHEINER, 2008). Scheiner redimensiona a origem mítica dos museus, a fim de mostrar que, para além de um espaço físico de adoração às musas, o *Mouseion* é um espaço de presentificação das ideias e de recriação do mundo, por meio da memória. Segundo a autora, o *Mouseion* estava ligado ao culto à Apolo e Dionísio na Grécia antiga.

O primeiro Deus é cultuado presidindo a atividade das musas que são as responsáveis no panteão grego pela manutenção do Universo. As musas são palavras cantadas – “expressão criativa da memória via tradição oral, trazidas à luz da consciência pela ação dos poetas, para tornar presentes os fatos passados e futuros, reinstaurando o tempo e o mundo, a partir de sua origem” (SCHEINER, 2008, p. 39). As musas recuperam o ser do não ser (esquecimento), revelando continuamente a presença das coisas no mundo.

Já Dioniso teria sido aprisionado pelos Titãs, que o despedaçaram, ferveram-no em um caldeirão e devoraram suas partes. Nesta mesma batalha, Zeus, o pai de Dioniso, fulminou os Titãs com seu raio. Depois deu o coração de Dioniso ainda pulsante de vida à mortal Sêmele, que o engoliu e iniciou uma gestação em seu ventre. Tratava-se de um novo Dioniso que nasce do ventre de Sêmele representando a abertura do mundo ao poético, à arte e à espontaneidade humana. Para Scheiner, Dioniso é o deus que se manifesta, aparece e dá a conhecer, rompendo com os mistérios do mundo por meio da emoção e da sensibilidade. Já Apolo dá equilíbrio e razão, colocando ordem nas coisas que estão no mundo.

Em Nietzsche, o mundo apolíneo representa, também, processos de individuação, a partir do momento em que o sujeito toma consciência de si. Para o autor, Apolo – deus da beleza cujos lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia” – é a imagem divina do princípio de individuação. O oposto seria a reconciliação das pessoas umas com as outras e com a natureza, trazida por Dioniso, que é a possibilidade de escapar da divisão e da individualidade. (MACHADO, 2005).

Dessa forma, podemos compreender Apolo como a experiência individual, o fechamento em si mesmo, e Dioniso como as relações intersubjetivas, a abertura para o mundo. E, assim, ao recuperar estes dois deuses na origem mítica dos museus, Scheiner (2003) defende a relação existente entre o ser humano e as coisas do mundo, como o diálogo mais profundo que o museu pode proporcionar. Para além de todos os aparatos interativos presentes no museu, Scheiner propõe olhar para a experiência humana, entendendo o museu como fenômeno que “[...] remete à possibilidade de percebê-lo através da experiência de mundo de cada indivíduo - por meio das múltiplas e complexas relações que cada ator, ou conjunto de atores sociais estabelece com o real complexo. (SCHEINER, 2003, p. 1).

Com base nessas considerações, podemos pensar o museu como processo e não como um produto, ou seja, para além de seu caráter institucional, de seus acervos e processos curatoriais (também essenciais ao museu), deve-se pensá-lo como fenômeno, em constante transformação nas relações que estabelece na sociedade. Nesse caminho, rompemos com a visão de um museu organizado para influenciar padrões culturais, sociais e estéticos, a partir do espetáculo e privilegiar um paradigma em que o sujeito possa partilhar com o museu a sua existência no mundo. (SCHEINER, 2008). Pelo museu podemos ver como as sociedades resolveram seus problemas existenciais ou como tentaram controlar as coisas do mundo, ou até mesmo a sua incapacidade de se agruparem e manterem laços de solidariedade entre si.

Em museus classificados tipologicamente como de história, a exposição é montada para proporcionar uma narrativa visual relevante para o levantamento de problemas na relação entre o passado, o presente e o futuro. No contato visual com a exposição, os sujeitos elaboram a consciência histórica, entendida como a capacidade humana de ter consciência da historicidade de todo presente e de relativizar toda opinião. O modo como olhamos para o campo de experiência e o diferenciamos do vivido, ajuda-

nos a revelar as implicações do pretérito no presente, entendidos como ordens temporais distintas e, de acordo com Gadamer, é uma forma de superar de “[...] modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, nossos valores e nossas verdades adquiridas”. (GADAMER, 2003, p. 18).

A nossa atitude em relação ao passado é sempre interpretativa, uma vez que é necessário olhar para além do sentido imediato do que nos é oferecido como informação. Nos museus, o que nos é oferecido a olhar nos exige uma atitude interpretativa, posto que “o diálogo que travamos com o passado nos coloca diante de uma situação fundamentalmente diferente da nossa-uma situação estranha diríamos que, conseqüentemente, exige de nós um procedimento interpretativo”. (GADAMER, 2003, p.20).

Como uma experiência sensível, essa interpretação é constituída por nossas lembranças provocadas pelo contato visual com o acervo dos museus. No museu, para além da narrativa visual, ocorrem os fenômenos miméticos de lembrança, esquecimento, espanto, horror, encantamento, pós-memória, entre outros provocados pelo contato com a exposição.

Nesse texto, o museu é entendido como processo e não como produto. Não restringimos o conceito de museu ao acervo e espaço físico. Para além dos processos curatoriais, interesse do público e capacidade técnica, a dimensão simbólica revela que o museu é espelho de diferentes categorias de representação social, entendido como processo capaz de assumir diferentes formas e apresentar-se de diferentes maneiras, de acordo com os sistemas de valores priorizados em cada sociedade. Acompanhamos as concepções de Tereza Scheiner, que propõe entender o museu como:

[...] fenômeno, o museu processo, o museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social. Compreender que Museu (fenômeno) não é o mesmo que Museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assume diferentes formas; permite-nos, ainda, prestar atenção às diferentes ideias de Museu, presente no universo simbólico dos diferentes grupos sociais. (SCHEINER, 2008, p. 41).

Para além das exposições com seus aparatos interativos e outras soluções expográficas, é preciso pensar nos fenômenos provocados em uma situação de visita aos museus. Por meio de seus cantos, as musas proporcionam experiências diversas que se dão pelo plano afetivo, o modo de fruição individual dos sujeitos que transitam pelo museu.

Museu em processo e subjetividades

A ideia de um museu em processo, que convida à experiência e que nos encarna, rompe com a objetividade pretendida, no momento em que o professor planeja a visita. Em processo, a exposição museal admite subversões feitas pelos sujeitos portadores de experiências, que dão novo sentido aos conteúdos de História, que aprendem nas escolas. Os professores, por sua vez, admitem estas subversões e as relacionam aos conteúdos curriculares baseados no saber referente. Há, nesse caso, a produção de um conhecimento original, que é consolidado na escola na fase pós-visita.

O museu é também processo, porque admite subversões, desmontagens, principalmente quando tratamos de seu uso pedagógico. Quais trilhas são propostas pelos professores? Como subvertem os discursos encontrados nos museus, e aqueles feitos no momento da visita por educadores de museu? Quais os limites e as potencialidades desta relação, sob a ótica dos professores de História? Quais as expectativas trazidas pelos professores aos museus de História? Quais saberes são acionados pelos professores de história no uso dos museus? Como planejam suas visitas? Como avaliam as propostas de setores educativos de museus? Qual a avaliação que esses professores fazem antes, durante e depois das visitas feitas ao museu com os estudantes? Como qualificam sua experiência educativa, tendo os museus como cenário privilegiado? Que problemas localizam na parceria museu e escola? Que dilemas profissionais enfrentam para o fortalecimento deste vínculo? Que conteúdos são construídos e provocados, durante e após a visita aos museus?

A análise dos dados é orientada pela considerações propostas à pesquisa por autores da fenomenologia, em especial as teorias de Merleau Ponty (1999). A fenomenologia tem como objeto de estudo o próprio fenômeno, isto é, as coisas em si mesmas e não o que é dito sobre elas. Assim sendo, a investigação fenomenológica busca a consciência do sujeito através da expressão das suas experiências internas. A fenomenologia busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito, formulada com base em suas experiências, e pode ser um método adequado para pesquisas

qualitativas. No método fenomenológico são descritos os fenômenos e não as origens causais e sua natureza fora do próprio ato da consciência. Em sua raiz etimológica, temos duas palavras de origem grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). O estudo ou a ciência do fenômeno poderia ser uma definição adequada para fenomenologia. (MOREIRA, 2002).

Para Merleau Ponty (1999), “a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 1). A fenomenologia parte da presença das coisas e do homem lançado ao mundo, estudando a relação que se dá entre os dois. Na condição de ser lançado ao mundo, o que vem ao encontro do homem é a própria coisa e não a sua definição. A coisa começa a fazer parte do mundo quando é percebida pelo homem. De acordo com Merleau Ponty (1999), a nossa abertura inicial aos fenômenos é marcada por uma revisão pré-objetiva do mundo, que se refere à própria condição existencial do homem, revelada pelos movimentos do corpo, pelas relações e percepções e pelas concepções que possui. O método fenomenológico enfoca fenômenos subjetivos baseados na crença e na experiência vivida. O pesquisador adquire subsídios mais consistentes para sua pesquisa, a partir de uma interação muito mais próxima com a realidade, sob o ponto de vista do universo pesquisado.

Utilizo este método para analisar as interações dos docentes com a exposição do Museu de Artes e Ofícios, na entrevista em percurso. Analiso os fenômenos ligados à memória, fruto das relações subjetivas que os professores mantêm com a exposição do MAO. Os cenários são provocativos, estimulando os sujeitos na narrativa de suas memórias em interação com as estratégias que usam para ensinar História, por meio do uso pedagógico dos museus.

A entrevista em percurso foi realizada no Museu de Artes e Ofícios, individualmente com os professores, em dia previamente agendado. Optei pela entrevista em percurso de visitação. Assim, o(a) professor(a), juntamente comigo, realizou um percurso dialogando por ambientes expositivos do museu enquanto a entrevista ocorria. O tempo da entrevista foi, então, o tempo do percurso, sendo altamente interferente em seu conteúdo. Partindo do pressuposto de que a centralidade da tese recai sobre as experiências dos professores no museu, realizei a entrevista como ato investigativo, marcado por situações em que o professor exerceu seu papel narrador, viveu

experiências e fez opções de visitação na exposição do MAO. Decidimos que realizar a entrevista naquele lugar seria uma oportunidade de dialogar com as experiências vividas pelos professores em ações pedagógicas no museu, focalizando também a sua experiência pessoal dentro da instituição e mesmo diante de outros museus. O professor foi convidado a percorrer a exposição do MAO, em confronto com suas práticas e memórias.

Este método nos permitiu aproximarmo-nos das experiências docentes que, muitas vezes, foram expressas em gestos, interrupções, confrontos, afirmações, choro e outras emoções próprias da condição humana que deixam

[...] escapar revelações não só do lugar que o indivíduo ocupa na estrutura de produção, mas, principalmente, na forma como ele se relacionou, ou ainda se relaciona com o seu universo de vida: o trabalho, a religião, o corpo, o prazer, a dor, os sonhos. (SIMAN, 1988, apud SILVA, 2011, p. 36).

A fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) às memórias dos professores, em situação de entrevista caminhante na exposição do MAO, e os sentidos despertados pela relação corpórea que mantemos com as coisas no mundo são interferentes em nossas lembranças e na percepção que elaboramos sobre o vivido.

Os professores em situação de visita elaboram novos significados para suas práticas docentes, mediadas por sua memória subjetiva, na relação com objetos e palavras que configuram cenários de experiência. Nestes cenários os docentes elaboram narrativas em gestos sensíveis de lembrança e esquecimento, dando sentido às suas ações subjetivas, quando em situação de visita escolar.

Os cenários também são formativos e, através da entrevista caminhante feita para esta pesquisa, os professores resignificaram suas práticas, abrindo-se a novas concepções de história e memória e dando sentido às atividades que realizam no uso pedagógico que fazem do MAO. O contato visual com a exposição em diálogo com o pesquisador configurou-se como um novo cenário, em que as ações ganharam novos significados e sentidos na busca de um ensino de História sensível, crítico e reflexivo.

Subjetividades e construção de sentidos no uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios

Dentre os vários *e-mails* que recebemos, após a realização da entrevista caminhante pela exposição do MAO, seleciono este da professora Clarice. No *e-mail*, a docente afirma que a entrevista caminhante em diálogo com o pesquisador foi uma oportunidade de fazer uma reflexão sobre questões que ainda não tinha pensado, apesar de fazer uso frequente dos museus para o ensino e aprendizagem de história:

Oi Jezulino

Para mim foi muito agradável essa tarde no museu e o mais interessante foi perceber coisas para as quais eu ainda não tinha me atentado... Tenho pensado muito desde então na minha relação com os museus, em especial, o MAO... E ultimamente o que tem me instigado muito é a possibilidade de ir “além dos muros, além das margens” e pensar nas possibilidades que a experiência da musealização pode proporcionar em outros espaços, na constituição de outros lugares da memória... dos novos sujeitos, das novas abordagens, sei lá... Essa coisa do movimento, do fazer, do ver a experiência borbulhar e criar novas tramas, novos problemas é demais... obrigado por tudo... Abçs, Clarice
Clarice. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <luciohistoria@yahoo.com.br>. Acesso em: 22 maio 2012.

Na entrevista caminhante, a professora manteve uma relação subjetiva com a exposição, e os diálogos fizeram com que pensasse sobre outras formas de musealização na sociedade e outras experiências possíveis de ensinar, tecendo outras tramas para a História. Foi na exposição do MAO, durante a entrevista em percurso, que a docente confrontou suas memórias subjetivas com concepções de ensino e aprendizagem da História.

A professora Clarice é formada em uma universidade pública e leciona história para educação básica. Aceitou participar da pesquisa porque faz uso frequente dos museus e atua em projetos de pesquisa sobre o ensino de História e as estratégias didáticas usadas pelos docentes. Têm mais de 15 anos de experiência como professora e, em relação ao uso dos museus para a educação, considera que podemos dispor também das:

Praças, ruas, mercados, pontes, trilhos e outros lugares onde possa ser jogada uma sementinha para problematizar o lugar **a partir de uma concepção que dialogue com o passado na sua relação com o presente**. Recentemente tivemos uma boa experiência como a História do Córrego do Capão e fui muito feliz ao problematizar o **acampamento cigano** que fica próximo da escola onde trabalho. (Professora Clarice – Resposta ao questionário na primeira etapa da pesquisa)

No uso dos espaços da cidade, os professores fazem opções curriculares e mobilizam saberes distintos para atingir as finalidades da disciplina História. Como afirma a professora Clarice, os lugares da cidade podem ser usados no ensino de História, com o objetivo de promover um diálogo entre passado e presente. Em seu relato, há também a preocupação de recuperar grupos marginalizados pela sociedade e discutir a diversidade cultural.

Esse movimento é formativo também para o docente que, em situação de trabalho, vive novas experiências que influenciam sua concepção de educação. (TARDIF, 2011, p. 39). Os saberes adquiridos são mobilizados nas escolas, sendo interferentes no currículo, gerando um conhecimento histórico original, que está longe de ser uma simplificação da história de corte acadêmico.

Na entrevista caminhante, a professora Clarice narrou suas experiências, escolhendo um nicho expositivo que provocou suas memórias de infância. Escolheu iniciar a entrevista onde estão as carrancas e canoas, que, segundo a docente, lembram a história do Rio São Francisco e sua história familiar também está ligada a um rio:

Professora Clarice: Deixa-me pensar... Ah! Tem, tem sim... **Minha mãe foi lavadeira na beira do Rio Piracicaba, e ela falava muito da sua infância. Falava como era difícil e que não teve opção de estudar.** Era aquela época que mandava o mais velho, e sempre era o homem.

Depois minha mãe casou, **veio pra Belo Horizonte**. Meu pai era torneiro mecânico e gostava muito de participar dos movimentos sindicais. Ele tentou levar a gente, mas não conseguiu. Eu sei que tinha um impedimento da minha mãe.

Daí ela veio pra Belo Horizonte, ele como torneiro mecânico, mas ficava de vez em quando desempregado, porque tinha o vício da

bebida. Ele nunca ficava sem trabalho, mas ficava muito desempregado.

Agora que você está falando que eu estou ligando os pontos. **Eu já tinha pensado nisso, tanto é que ano passado eu fiz na escola um trabalho sobre as lavadeiras. Eu saí com os meninos participando do Círculo de Museus, e na época eu não estava com foco nisso, olha pra você ver...** Eu estava trabalhando com meio ambiente já com os meninos, porque eu sempre trabalho a questão da história local, do meio ambiente, dos recursos hídricos... Desde 2006, que eu venho trabalhando, não sistematicamente, mas com esta temática vai e volta, então, ano passado a gente participou do Círculo de Museus que é da Prefeitura. Você conhece o Programa BH para Crianças?

(Entrevista em HD 1h48', data 18/4/2012, local: MAO, grifos nossos).

A mãe da professora Clarice atuou no ofício das lavadeiras na cidade de Rio Piracicaba e narra suas experiências para os filhos. As memórias da mãe influenciaram as ações pedagógicas da filha e a ajudou a desenvolver projetos na escola. Ocorre aqui o fenômeno da pós-memória, ou seja, são histórias narradas pela mãe que, incorporadas à experiência sensível da docente, influencia na forma como ela se relaciona com a exposição do MAO. A pós-memória é fruto de experiências mediadas, relacionadas com a memória da geração seguinte, que sofreu ou protagonizou os acontecimentos. Para Sarlo,

o prefixo *pós* indicaria o habitual: é o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos e que, ao estabelecer com ela essa relação de posteridade, também têm conflitos e contradições característicos do exame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade. (SARLO: 2007, p. 92).

A autora afirma que o prefixo *pós* reforça apenas o caráter subjetivo e intimista da memória transmitida de geração para geração. Não há, nesse caso, uma novidade heurística, pois qualquer discurso sobre o passado é fragmentário, reconstruível, a partir de fontes subjetivas. (SARLO, 2007). De acordo com Sarlo (2007), o aspecto fragmentário das narrativas originadas da memória é uma qualidade e um reconhecimento de que a

rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença narrativa.

A narrativa da professora Clarice está carregada de histórias que ouvia da mãe e da avó e que são rememoradas no Museu de Artes e Ofícios, pela característica da exposição ligada à fase manufatureira da indústria, no qual muitos objetos expostos lembram a história de ocupação e povoamento das Minas Gerais, como diz a docente:

Pesquisador: Você se identificou demais com este museu. Por quê?

Professora Clarice: Porque eu acho que tem muito a cara de Minas. Eu acho que parece muito com os ofícios, **apesar de eu achar que falta aqui a lavadeira, falta aqui muita coisa.**

Pesquisador: A lavadeira muito por causa da sua história.

Professora Clarice: É... Eu acho que é legal, e é um ofício... Olha só pra você ver... **Eu estava conversando com minha mãe, e levei para os meninos depois, e achei num livro de História...** Não vou lembrar o autor do livro não, e ele trabalhou com essa temática, aí pegava no século XVIII as lavadeiras e faziam assim... Aí tinha lá... “_ **Como fazer para tirar mancha de sangue?**”, **quer dizer, é o saber, né. Até eu comecei a usar, fiz uma cartilha e os meninos levaram pra casa.** Estou vendo lá depois que a diretora tirou xerox e botou lá perto da secretaria. Aí eu perguntei... “Uai, por que vocês fizeram isto?” Estava lá porque os meninos, a camisa da escola é branca, e eles rabiscaram a camisa com caneta. Eles mandaram... “_ Eu não quero saber. Vocês riscaram a camisa toda. Dá um jeito...”

“_ Ah, mas caneta não sai...”

Aí ela se lembrou do folheto e colocou lá. **Eu não me lembro como tira mancha de caneta não, mas estava fixado lá. Ela lembrou o trabalho e foi lá e afixou...** “_ **Vocês vão fazer isso aqui pra tirar mancha de caneta...**” Agora, só não me pergunta se resolveu, porque depois eu não tive mais notícia da camisa, se tirou ou não a mancha...

(Entrevista em HD 1h48', data 18/4/2012, local: MAO, grifos nossos).

Mais uma vez a professora Clarice lembra o ofício da mãe e até mesmo realiza um projeto na escola influenciado por suas memórias. Quando caminhava pelo espaço das canoas, a docente afirma que ali tem “a cara” de Minas porque lembra o São Francisco, mas, sobretudo, porque está relacionado ao ofício da mãe, que lavava roupas no Rio Piracicaba, interior do estado.

A avó da professora Clarice tinha hábito de narrar histórias do tempo em que viviam no interior do estado. Ela possuía uma mala onde guardava vários objetos. Eclea Bosi (2004) afirma que há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice, o conjunto de objetos que nos rodeiam e estabilizam nossa identidade, nossa posição no mundo. São os objetos que estabelecem um elo familiar com o passado e estimulam nossas recordações.

A avó de Clarice contava histórias aos netos, que ficavam imaginando, criando outras narrativas ficcionais, dando sentido a experiências íntimas de família:

Professora Clarice: Para criança é muito diferente. Eu fico pensando assim... Ele tem pouca experiência, não conhece quase nada, vai tentar vivenciar uma coisa que ele não viveu. Você pode fazer através de uma narrativa, quer dizer, **minha avó contava muita história... Minha avó já era costureira, e contava as coisas que fazia, da costura, da vida dela, o que ela viveu na infância dela, mas pela afetividade. Você ficava imaginando, criando aquele laço... Ela tinha uma mala em cima do guarda roupa dela. Aquela mala tinha todos os objetos que ela guardava, as cartas do filho que ela recebia de Brasília, que era os objetos de valor que ela tinha, e aquela mala tinha fotos antigas.**

A mala era uma coisa assim... Quando ela descia a mala pra cama, todo mundo queria ver, e ela tinha prazer de falar... “Essa foto foi tirada em tal lugar...”, quer dizer, essa questão do narrador, da transmissão, e o objeto da foto... “_ Esse aqui é fulano...”, e ela lia as cartas... Nós aprendemos a ler, daí começamos a ler as cartas pra ela, porque não conseguia enxergar direito...

(Entrevista em HD 1h48’, data 18/4/2012, local: MAO, gifos nossos).

A mala guardava objetos biográficos que, segundo Bosi (2004), envelhece com seu possuidor e se incorpora à sua vida, como, por exemplo, os álbuns de fotografia. Para a professora Clarice, a avó narrava as próprias experiências, que foram impactantes em sua infância e, inclusive, foi quando deu os primeiros passos em direção à alfabetização. Como a avó não enxergava bem, ela e os irmãos liam as cartas, guardadas com muito carinho naquela mala velha. Na experiência sensível que teve ao visitar o MAO, Clarice lembrava-se sempre da avó e da mãe, duas figuras femininas que influenciaram sua forma de se posicionar no mundo e de ter gosto pela vida.

A docente se identifica com o museu, embora sinta falta do ofício das lavadeiras. Portanto, gostaria que este ofício estivesse presente, como uma forma de valorizar a história de vida de sua mãe. A experiência sensível relaciona-se com o modo pessoal de fruição da exposição no museu, como aponta Merleau-Ponty:

Quanto à relação entre o objeto percebido e a **minha percepção**, ela não os liga ao espaço e fora do tempo: eles são *contemporâneos*. A ‘ordem dos coexistentes’ não pode ser separada da ‘ordem dos sucessivos’, ou antes, o tempo não é apenas a consciência da sucessão. **A percepção me dá um ‘campo de presença’ no sentido amplo que se estende segundo duas dimensões; a dimensão aqui e ali e a dimensão passado-presente-futuro.**” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 357, grifo nosso).

Há ressonâncias para a professora Clarice, uma vez que os objetos ecoam em sua construção relacional com a exposição. O museu torna-se, assim, um ambiente que lhe é familiar e onde também pode inscrever sua presença. No caso da experiência sensível, temos um modo próprio de percepção, que está relacionado a fenômenos miméticos, uma vez que, no trajeto feito pelo museu, as visões de mundo, somadas às lembranças, compõem uma narrativa individual ultrapassando a proposta original da curadoria.

O museu em processo proporciona a experiência, uma vez que as musas nos convidam a narrar nossas histórias, tornando presentes os fatos passados. As musas nos salvam do esquecimento, revelando o ser por meio do seu canto. A memória existe quando provocada, não tem começo nem fim nem implica em cronologia: ela é a experiência apreendida e presentificada. (SCHEINER, 2008). E, nesse sentido, os sujeitos são seduzidos pela exposição e estimulados a narrar suas histórias.

As narrativas propostas pela docente relacionam-se às imagens que produz por meio das lembranças, no contato com a exposição do museu. As lembranças são acionadas sob a forma de ações, que são definidas pela percepção subjetiva do Universo e, desta forma, a memória permite a relação do corpo presente com o passado e a interferência no processo atual de representações de mundo (BOSI, 1994).

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que vale automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, [...] (BOSI, 1994, p. 48)

As experiências prévias, transformadas em lembranças, implicam a maneira como o sujeito frui o museu. Elas podem causar repulsa ou admiração, dependendo de como aquela imagem ressoa em suas lembranças pessoais e que implicações teve em sua vida, se foi de alegria, dor, tristeza ou frustração, elementos próprios das tramas da experiência sensível.

Considerações finais

Em uma situação de experiência sensível, a professora narrou as estratégias que usa para ensinar e suas experiências vividas durante a infância em sua casa no bairro de Venda Nova. Por meio de sua experiência sensível no MAO, a professora criou significados para suas práticas, relacionando-as com as experiências que teve ao ouvir histórias da avó e da mãe quando ainda era criança. A entrevista por meio de questões geradoras foi formativa. Em diálogo com o pesquisador, a professora Clarice refletiu sobre os saberes que mobiliza para ensinar história e os usos pedagógicos que faz da exposição do MAO. Foi na sua infância em uma casa de quintal, no bairro de Venda Nova, que a docente ouvia histórias que a avó retirava da materialidade de objetos depositados em uma antiga mala, que ficava em cima de um guarda-roupa (local de difícil acesso para crianças). Era quando a avó descia a mala e a depositava sobre a cama que os netos se reuniam para ouvir histórias sobre um tio que vivia longe, e das viagens que a avó fez durante a juventude.

Os gestos da avó ajudam a refletir sobre questões pertinentes à educação mediada pela experiência sensível nos museus. A memória depende das relações que os sujeitos estabelecem com as coisas no mundo e não está

presa a suportes materiais. No entanto, estes suportes tornam o ausente presente, uma vez que provoca fenômenos miméticos, dando sentido às experiências vividas, que são expressas em uma narrativa inteligível. A professora dependia da avó para disponibilizar os objetos, as imagens e as cartas guardadas na mala, depositada em cima de um guarda roupa. A avó era mediadora e influenciou a forma de a docente entender os processos de ensino e as estratégias para aproximar o conteúdo escolar das experiências vividas pelos estudantes. Assim como fazem os museus, a avó retirava da mala cartas, fotos e objetos biográficos, elaborando narrativas com imagens, objetos tridimensionais e palavras. A avó constrói uma narrativa visual ao descer a mala e disponibilizar aos netos o que estava guardado e preservado.

Os museus constroem uma narrativa visual por meio de cenografias com objetos, tótems multimídias, legendas, focos de luz e espaços vazios. Nestes ambientes, os sentidos são despertados pela relação corpórea com as coisas no mundo. Entre os sentidos, a visão é responsável pela percepção e desperta outros sentidos, sendo responsável por fenômenos miméticos, que dão sentido à exposição e desperta nos sujeitos a vontade de narrar suas histórias para preservar suas memórias. Os museus justificam-se pela materialidade da exposição. Certamente, a experiência sensível extrapola a materialidade, mas os sujeitos também são matéria e corpo, e através deles é que se relacionam com as coisas físicas elaborando percepções visuais que são responsáveis pela compreensão das dimensões éticas, estéticas e políticas de vidas.

Referências

- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.
- GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MACHADO, Roberto. Nietzsche e o renascimento do trágico. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, dez. 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SARLO, Beatriz. *Cultura, memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHEINER, Tereza Cristina. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. *Semiosfera. Revista de Comunicação e Cultura*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, jul. 2003.
- _____. O museu como processo. *Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.
- SILVA, Saint Clair Marques. *Práticas educativas em espaços urbanos: possibilidades para formação de professores da EJA*. 2011. 175f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Educação, FAE/ UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2011.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2011.